

---

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 27 No.2 2014

ESPECIAL: VI TAAS

ARTIGO

## “A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA”... HISTÓRIAS NÃO-LINEARES DE ARQUEÓLOGOS E FOQUEIROS NA ANTÁRTICA

---

Andrés Zarankin\*

### RESUMO

Construir/inventar/interpretar o passado é a função básica do arqueólogo. Refletir sobre este processo se torna, portanto, ponto central da prática arqueológica. Por isso, neste trabalho me proponho discutir algumas ideias, relativas a um tema que considero central e que venho trabalhando ultimamente associadas a como se escrever em arqueologia (ZARANKIN & SEANTORE, 2012). Para isso, vou utilizar como exemplo algumas alternativas que começamos a implementar na pesquisa arqueológica que estamos desenvolvendo na Antártida desde 1995.

**Palavras-chave:** Antártida, Arqueologia, Memória, Escrita

### ABSTRACT

To build or to create or to interpret “the past”, is the basic task of an archaeologist. Reflecting on this process becomes thus a central point of archaeological practice. Thereby, in this paper I intend to discuss some ideas concerning a theme I believe of great importance for archaeology and which I've been working on lately, “the process of writing archaeology” (ZARANKIN AND SEANTORE, 2012). For that matter, I will use as examples some alternatives we have begun to implement in the archaeological research we are developing in Antarctica since 1995.

**Key words:** Antarctic, Archaeology, Memory, Writing

\* Departamento de Sociologia e Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.  
E-mail: zarankin@yahoo.com

*La segunda vez que volvi de Antartida, en 1997, mi madre dijo “mi hijo fue para antartida y quien volvió fue otra persona”. Desde entonces cada vez que viajo para Antartida busco a ese otro, me busco en los paisajes que no cambian, en los recuerdos que viven allí como fantasmas, en los sonidos de los animales que a veces quiebran el silencio del lugar, y entonces me pregunto, será que realmente alguna vez conseguí salir?*

(ZARANKIN, 2012)

Após a súbita perda de meu pai, vi-me imerso num processo de administração da dor. Com setenta e quatro anos, ele era muito jovem para morrer. Além disso, era médico e sempre estava atento à própria saúde, “Como isso poderia ter ocorrido?”. Minha cabeça se enchia de sentimentos de admiração, agradecimento e afeto; coisas que nunca lhe disse e que, dada sua partida, permaneceriam para sempre inconclusas. Se nos momentos antes da última vez que o vi, eu lhe tivesse dito o quão importante era para mim... mas não. Não foi assim. Ao invés disso, falamos qualquer outra idiotice trivial; da qual nem me recordo.

Contando detalhes do que se passou, minha mãe tenta me consolar. Ele e minha irmã estavam na casa de minha avó materna. De repente ele passa mal, morre de um ataque cardíaco. “Algo sempre imprevisível”, segundo minha mãe. Uma sensação de angústia insuportável cresce rapidamente em meu peito, até que tudo se torna confuso e cinza. Por um momento, que não consigo quantificar em termos do tempo convencional, fico a me procurar, envolto no vazio. Tento fazer com que meu cérebro volte a funcionar e me entregue respostas. Pouco a pouco elas retornam à cabeça e, apesar da escuridão e silêncio, me dou conta que é noite e estou na cama. Imediatamente reconheço a sombra a meu lado: Márcia, minha esposa. O reconhecê-la recobra em mim aquilo que chamamos “realidade”. A primeira coisa que penso é se meu pai está ou não morto. Imediatamente percebo que não, ele está vivo! Assim, os últimos resquícios remanescentes de dor em meu peito começam a desaparecer. Minha respiração se normaliza e a cabeça se aclara... “foi um sonho”. Pouco tempo depois, e apesar de ser madrugada, estou sentado ao frente do computador escrevendo o impacto do sonho em mim. Algo que se eu tivesse voltado a dormir sem registrá-lo, muito provavelmente teria desvanecido na manhã seguinte, ou sequer seria parte de minhas recordações e memórias “oficiais”.

Nesse processo tão frágil e complexo de tradução da memória de um sonho para a linguagem verbal e escrita, corro contra o relógio para que escape o mínimo ao registro, antes que as impressões e sensações desapareçam de mim. Menos de quinze minutos depois do início da escrita e vinte desde quando despertei, tudo que seja relativo ao sonho começa a esmaecer, tornando-se confuso e embaçado. Preciso ler o que escrevi até agora para construir outra memória, desta vez depositada do lado “oficial” das recordações. Assim procedendo terei maior controle e poder sobre elas. A outra memória, aquela sentida ao sonhar e despertar, já não existe mais, ou pelo menos não consigo acessá-la.

Refletindo sobre o que se passou, pergunto-me como algo tão intenso e “real” se apagou tão rápido, nunca se tornou parte de minha memória “oficial”?

Há menos de meia hora meu pai estava morto... agora não. Essa quase imediata transformação do cenário alterou também minhas sensações e emoções numa velocidade impossível em “nossa” realidade. Agora, sinto-me normal: nem triste, nem alegre. Com isto também desapareceu a necessidade e estímulo para falar com ele e resolver o que o sonho me fez perceber que nunca tinha feito. Pelo contrário, agora que acordei algo me faz crer que estou num espaço onde tenho “agência” para controlar as coisas, que aqui é onde se passa tudo o que “importa”. O sonho já não existe, e portanto nada mudou deste lado.

Re-pensando sobre este sonho, posso estabelecer relações diretas com meu trabalho de arqueólogo, em especial a forma em que passado e presente se vinculam (SHANKS & TILLEY, 1987; HODDER et al., 1995). A meu ver o passado poderia comparar-se a um tipo de sonho, algo não de todo real que com o tempo vai sendo mudado e resignificado. Por outro lado, o presente estaria relacionado com o mundo consciente e real. Existe uma sensação generalizada de que é unicamente no presente onde as coisas ocorrem “de verdade”. O passado seria algo mais ambíguo e subjetivo, pois como ele “já passou”, não há nada que se possa fazer para transformá-lo. Ele vive na memória (ou na História enquanto uma entidade mágica), e às vezes acreditamos que é possível preservá-lo “tal como ele foi”, por meio de livros e objetos, em uma corrida contra o relógio, semelhante ao que acontece com o que sonhamos. A ideia é que quanto mais passa o tempo, desde que o passado deixou de ser presente (e, portanto, “real”), sua essência fica cada vez mais difícil de recuperar.

Não é casual que a impossibilidade de transformação de um passado considerado “verdadeiro e monolítico” seja contestada pela “ficção científica”. São inumeráveis os livros e filmes que versam sobre viagens ao passado (em máquinas do tempo, eventos naturais ou pelo poder da mente), visando transformá-lo para modificar o presente. Em outras palavras, são viagens fantásticas a outros mundos que já não existem, mas a partir dos quais se pretende modificar o presente / “mundo real” (MITCHEL, 1881; RIMBAU, 1887; TWAIN, 1889; WELLS, 1896; ASIMOV, 1955).

Mas cuidado! Estou longe de afirmar que passado e sonhos são a mesma coisa. Considero apenas que ambos compartilham certas características que, ao serem explicitadas, geram ideias capazes de enriquecer a relação entre passado e presente, e entre o arqueólogo e seus objetos de estudo.

Para Freud (1899), os sonhos constituem formas de “realização do desejo”, tentativas do inconsciente para resolver nossos conflitos internos, traumas, sejam de acontecimentos recentes ou de um passado distante. Já que a informação no inconsciente encontrasse num estado não-domesticado e frequentemente perturbador, existe um “censor” no “pré-consciente” que regula e domestica sua passagem ao estado consciente. Porém, durante o sono o pré-consciente é mais relaxado pelo que surgem estratégias no inconsciente para atravessar a censura, e falsear ou deformar o sentido da informação (ou dos desejos). Dentro desta linha freudiana, as imagens dos sonhos não são o que parecem, sendo necessário que elas sejam decodificadas ou interpretadas para que possam nos informar sobre as estruturas do inconsciente.

E frequente que nos sonhos, as regras de funcionamento das realidades sejam diferentes, assim como, às vezes, nós mesmos o somos. Neles, de forma não controlada, experimentamos lugares onde se pode voar; falta-nos o corpo, ou o possuímos de modo distinto do que ele é; confrontamos realidades onde temos outros filhos ou outra profissão; presenciamos nossa própria morte ou a de familiares, como foi o caso do meu sonho; dentre tantas outras possibilidades. Em outras palavras de forma não controlada, questionamos nossa “realidade”, como forma de libertação dos nossos medos e desejos no inconsciente (FREUD, 1899)

Acaso o passado não é também um espaço onde nos projetamos para dar sentido ao presente, seja para lhe dar sustento ou para o questionar?. Assim, a construção do passado é um exercício consciente, mas ao mesmo tempo subjetivo, que necessariamente tem que ter sentido no “agora” (SHANKS & TILLEY, 1987). Passados tem sido construídos, modificados e apagados segundo distintos interesses no presente (GALATY & WATKINSON, 2006; ZARANKIN et al., 2012). Ao mesmo tempo, o passado é algo que não pode ser completamente controlado por aqueles que controlam o poder, sendo que existem reminiscências (SARLO, 2005) que nos assaltam ainda quando não queremos (como o inconsciente nos sonhos).

Outra questão que considero importante, relacionada a esta comparação sonhos vs. realidade, tem a ver com a forma com que criamos discursos tanto sobre os sonhos quanto sobre a realidade. Em geral quando nos referimos aos sonhos, prima a falta de regras e normas. Como os sonhos não são “reais” podemos falar de sensações, incorporar metáforas, e até perder a linearidade e a “lógica racional” da narrativa. Em outras palavras somos livres e temos completa flexibilidade para escolher as formas de contar a história. Pelo contrario, quando falamos do “real”, utilizamos normas rígidas para construir discursos objetivos e neutros que garantam a veracidade do que está sendo explicado, principalmente após o advento das “Ciências”. No caso particular da Arqueologia, esta rigidez absoluta se materializa na forma pela qual devemos falar sobre o passado. A partir do controle que assegura a objetividade, fazemos ao outro (e às vezes até a nós mesmos) acreditar que estamos contando a verdade. Através destes mecanismos não só reduzimos nossas possibilidades de pensar interpretações, mas também construímos uma arqueologia chata, aborrecida, que só interessa aos próprios arqueólogos (e às vezes nem a estes).

Partindo destas ideias, considero úteis várias propostas que tem como objetivo gerar exercícios de reflexão e registro das várias etapas que levam a nossas interpretações (SHANKS & TILLEY, 1987; BOND & GILLIAM, 1994; HODDER, 2000, 2003; JOYCE, 2002; OLIVEIRA JORGE, 2006; etc). Este processo é rico e complexo, refletindo a dinâmica de variações nos modos de pensar e construir o passado, em função das infinitas variáveis (desde as evidências recuperadas até o estado de humor do arqueólogo no dia da escavação).

Lembremos que tradicionalmente as posições mais ortodoxas em arqueologia têm se limitado a apresentar visões positivistas do passado em que este é “descoberto” por meio de uma metodologia científica. A descrição e

classificação de objetos e estruturas são dois dos principais mecanismos de trabalho, associados a publicações monótonas (KRIEGER, 1944; SCHOBINGER, 1973; SCHMITZ et al., 1991). Os textos imprimem um narrador onisciente que representa a ciência e “revela” de forma “verdadeira” como foi o passado. Não existe lugar para o arqueólogo como pessoa, não existe lugar para se discutir questões simbólicas e ideológicas de grupos pretéritos devido às “limitações” do registro arqueológico (BINFORD, 1983). Assim, a ênfase recai sobre a apresentação de informações técnicas ou econômicas sobre os grupos estudados.

As arqueologias denominadas pós-processuais de meados dos anos 1980, rechaçam o determinismo e a imparcialidade asséptica das arqueologias científicas (SHANKS & TILLEY, 1987). Argumenta-se que cada arqueólogo está fortemente midiaticizado por suas experiências pessoais e por seu entorno, o que impossibilita um enfoque completamente objetivo dos problemas arqueológicos. Nesta corrente de pensamento, a arqueologia não descobre verdades, não descobre o passado; senão que o converte de forma criativa em um recurso útil para a sociedade que o (re)cria, a partir dos vestígios disponíveis (SHANKS & TILLEY, 1987).

Construir/inventar/interpretar o passado é a função básica do arqueólogo. Refletir sobre este processo se torna, portanto, ponto central da prática arqueológica. Por isso, neste trabalho me proponho discutir algumas ideias, relativas a um tema que considero central e que venho trabalhando ultimamente associadas a como se escrever em arqueologia (ZARANKIN & SEANTORE, 2012). Para isso, vou utilizar como exemplo algumas alternativas que estamos implementando na pesquisa arqueológica que estamos desenvolvendo na Antártida desde 1995.

#### PAISAGENS EM BRANCO: ARQUEOLOGIA HISTÓRICA ANTÁRTICA

O projeto original de Arqueologia Antártica se iniciou há dezesseis anos. Um descobrimento casual por parte de geólogos do Instituto Antártico Argentino na Península Byers, Ilha Livingston, durante a campanha de verão de 1994-1995 possibilitou minha primeira viagem à Antártida<sup>1</sup>, ao ano seguinte. Naquela época era bolsista do CONICET, Argentina e, junto com Maria Ximena Senatore, demos início às investigações sobre a presença foqueira nas ilhas Shetlands do Sul. Muito foi feito naquela época, tanto em relação à construção de conhecimento sobre grupos operários que trabalharam na Antártida no século XIX, como aportes teóricos em geral (SENATORE & ZARANKIN, 1997, 1999, 2000; ZARANKIN & SENATORE, 1996, 1997, 1999, 2000, 2005, 2007).

Dando continuidade a esta primeira etapa assim como da minha mudança definitiva para o Brasil, em 2009, teve início o projeto Paisagens em Branco: Arqueologia Histórica Antártica a partir de uma parceria tri-nacional das equipes de arqueologia e antropologia antárticas do Chile, Argentina e Brasil,

---

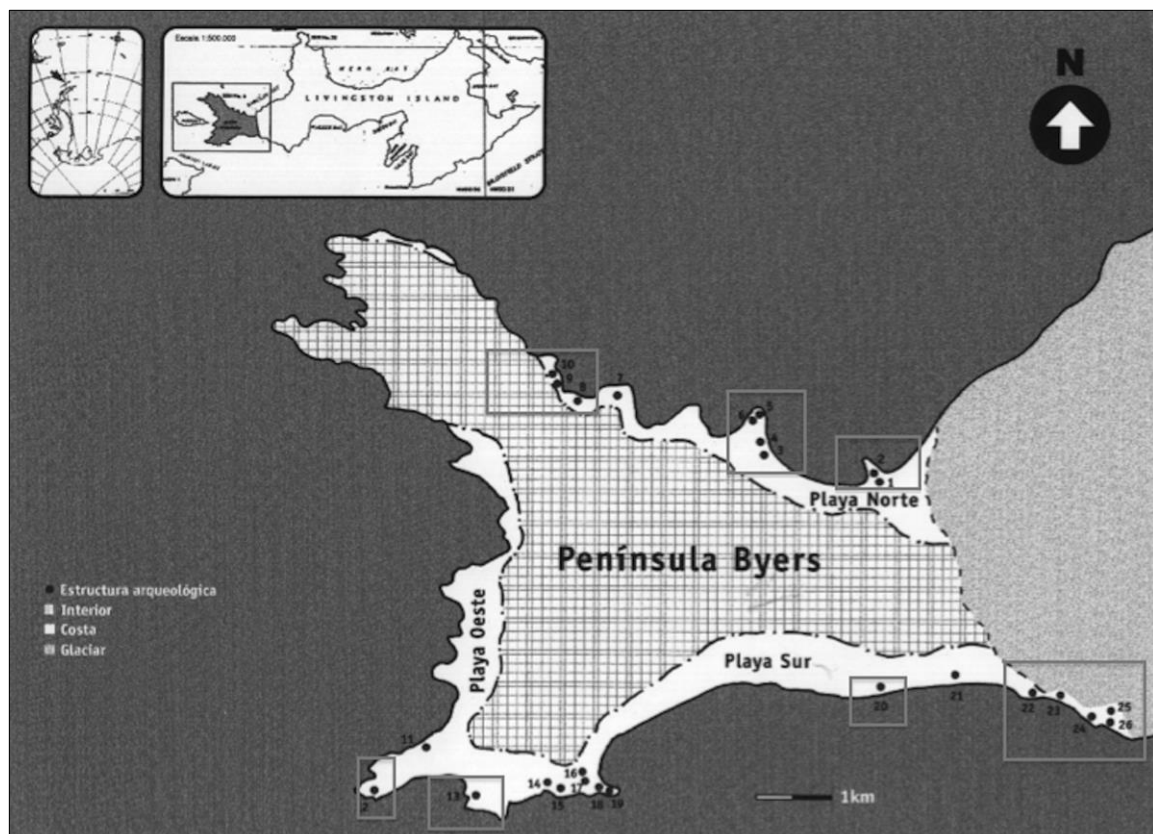
<sup>1</sup> Dentro de uma caverna que denominaram Lima Lima, se identificaram restos de uma ocupação histórica e coletaram alguns objetos na superfície. Posteriormente, se soube que se tratava da mesma cova que geólogos Smith e Simpson haviam visitado muito tempo atrás (ver LEWIS SMITH & SIMPSON, 1987). Estes traços impulsionaram o estudo arqueológico da Península Byers (SENATORE & ZARANKIN, 1997, 1999; ZARANKIN & SENATORE, 1999).

constituindo um esforço conjunto que, ao invés de estabelecer concorrências, permite uma colaboração que se materializa numa pesquisa mais aprofundada e única do tipo a nível mundial. Coordenado pelo recém-criado Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH) da UFMG, o projeto foi incluído dentro das pesquisas patrocinadas pelo PROANTAR e pelo CNPq. Assim, o Brasil incorporou pela primeira vez estudos em Ciências Humanas no seu programa antártico. O objetivo do projeto foi dar continuidade ao estudo das primeiras estratégias humanas de ocupação da Antártica, entre o final do século XVIII e o início do XIX, centradas nas Ilhas Shetland do Sul.

Posteriormente, ampliamos as pesquisas incorporando uma linha de análise antropológica, para pensar a Antártica a partir de uma visão maior, de macro-processos, que através do tempo lhe outorga diferentes identidades.

Em 2010, realizamos o primeiro trabalho de campo, onde foram escavados sítios arqueológicos na Península Byers da Ilha Livingston, no arquipélago Shetland do Sul. Os sítios já haviam sido identificados e georreferenciados por mim e pela Prof. Senatore na década de 1990 (ZARANKIN & SENATORE, 2007).

**Figura 1** - Mapa das áreas e sítios arqueológicos em Península Byers, Ilha Livingston, Ilhas Shetlands do Sul, Antártida.



Não é meu objetivo aqui, apresentar os resultados das últimas escavações nem a análise dos materiais recuperados. O que me interessa é analisar as últimas discussões e propostas teóricas de trabalho no local.

## O EFEITO ANTÁRTICO; HISTÓRIAS NÃO-LINEARES DE ARQUEÓLOGOS E FOQUEIROS NA ANTÁRTICA

Nossas histórias, nossas experiências, nossos sonhos, como pessoas e arqueólogos, porque não, também nos permitem repensar e refletir sobre como a realidade poderia ser diferente, “o que ocorreria se...”. Em outras palavras o passado que construímos permite uma reflexão sobre o presente e a possibilidade de pensar em “outros presentes”. O passado é fonte de reprodução ou mudança do presente. Por que, em vez de perguntarmos-nos quanto de verdade têm nossas interpretações (assim como nossos sonhos), não os aproveitamos para questionar a aparente “monolítica” realidade? Se partirmos da ideia de que o passado é uma construção humana feita no presente, por que a obsessão com um passado “real”, “verdadeiro”, o que, de fato, é algo impossível de conseguir. Considero que as histórias que construímos sobre o passado a partir de seus vestígios, qualquer que sejam, são importantes por seu impacto no presente. Limitar-se a descrever objetos é mostrar o medo que o arqueólogo tem do passado, de assumir sua impotência para construir “o que realmente aconteceu”, e de aceitar que, afinal, somos humanos e não uma ferramenta “científica” pra descobrir a verdade.

Como já mencionei, esta dialética entre realidade e ficção, reflete-se também nas linguagens utilizadas para referir-se a elas. Para falar de realidade é recomendável utilizar uma linguagem objetiva, neutra, polida de sensações e sentimentos. Agora, para contar um sonho, as possibilidades se ampliam, todos os recursos que existem podem ser utilizados, desde uma metáfora até um som.

Há, exatamente, dez anos publiquei um livro, *Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista*, produto de meu doutorado. No prefácio refleti sobre as limitações que havia encontrado para escrever de uma forma que me deixasse confortável, que me fizesse sentir no controle de minhas palavras e que permitisse que os pensamentos fluíssem de forma natural, refletindo o mais fiel possível minhas ideias e sensações. Naquele momento foi uma tarefa impossível devido ao poder da domesticação que sofri ao longo da minha formação como arqueólogo. Recordo-me que até os dezessete anos escrevia todo tipo de narrativas que me levavam a mundos diferentes ou me permitiam mergulhar dentro de meus próprios sentimentos e emergir com ideias e palavras que representavam as emoções que estava experimentando nesse momento. Sete anos depois, com o título de arqueólogo debaixo do braço, perdi todo o interesse em escrever algo que não fosse um “paper acadêmico”. Dentre as poucas vezes que tentei retomar minha antiga forma de escrever estive o primeiro anoitecer que contemplei na Antártida (FIG. 2). Foi algo sublime e decidi que uma foto não era suficiente para representar o que estava vendo. No mesmo instante peguei minha caderneta de campo e comecei a escrever. Não havia terminado a primeira folha quando li o que acabava de anotar e tive uma surpresa que me deixou angustiado. Minha descrição do anoitecer era o mais distante possível do que eu queria dizer, no lugar de sensações e sentimentos o texto descrevia “objetiva e neutramente” as cores e sua distribuição no céu, como as mesmas influenciavam a paisagem. Em outras palavras estava escrevendo um paper científico mais do que deixando fluir o

universo dos sentimentos. Por mais que quisesse não havia forma de mudar isso e, de fato, passaram-se muitos anos até que pudesse reverter, em parte, esse processo de “des-humanização” da minha escrita e, portanto, da separação de categorias como objetivo-subjetivo, real-fictício.

Para superar estas “limitações” foi necessário uma des-domesticação. As ferramentas teórico-conceituais da Narrative Theory foram importantes neste caminho. A definição de narrativa inclui dois conceitos: a story e ato de narrar / telling formulados no campo da narratologia (também associados a distinções binárias como fábula/discurso, conteúdo/expressão, fatos objetivos/representação por diversos autores). Esses conceitos referem-se a o quê se conta e como é contado. Ainda que a distinção possa ser útil analiticamente, entendo que o narrado e o ato de narrar implica a criação de uma história. Essas definições são úteis na hora de pensar a Antártica como narrativa. As diversas formas de conhecer e incorporar a Antártica ao mundo moderno implica uma relação entre o narrado e o ato de narrar.

**Figura 2** - Foto do primeiro anoitecer que contemplei na Antártica.



Se nosso objetivo como arqueólogos é contar histórias, principalmente sobre os grupos subalternos/invisíveis que tem ficado de fora das “máster narrativas” (FUNARI et al., 1999; JOHNSON, 1996; ORSER, 1996), por que paradoxalmente, neste processo de conhecimento, nos auto-excluimos das histórias que construímos, e criamos um novo grupo de personagens invisíveis?, “os próprios arqueólogos”.

Precisamente, num artigo recente junto a Ximena Senatore (ZARANKIN & SENATORE, 2012) propomos duas possibilidades de trabalho, partindo de

experiências ensaiadas por outros arqueólogos (BEAUDRY, 1998; YAMIN, 1998; entre outros), para superar estas limitações as que estou fazendo referencia. A primeira foi denominada HISTÓRIAS COMO PROJEÇÕES. Trata-se de criar histórias de pessoas através de nossa projeção conscientemente nos contextos e problemáticas que estamos estudando. Isso se diferencia dos enfoques científicos que, apesar de negá-lo, projetam nossa “subjetividade” de maneira disfarçada. Um exemplo desta é o prólogo do livro “Historias de un Pasado em Blanco (ZARANKIN & SENATORE, 2007). À segunda forma, HISTÓRIAS TRANSVERSAIS, consiste em nos envolvermos explicitamente nas histórias que produzimos. Por exemplo, através do uso da primeira pessoa do singular ou de introduzir nos textos situações, sensações, experiências que vivemos durante as pesquisas. Ou seja, a ideia é atravessar a história que contamos colocando-nos como partes integrantes das mesmas. Um exemplo de esta possibilidade encontrasse no artigo “Storytelling; “Big Fish” e arqueologia; repensando o caso da Antártida (ZARANKIN & SENATORE, 2012).

Considero que temos gerado um espaço onde presente e passado, sonhos e realidade, confluem; fundindo-se a ponto de não mais serem binômios (verdadeiro-falso), possibilitando produzir reflexões mais vivas e interessantes sobre o passado e, ao mesmo tempo, introduzir a figura do arqueólogo nas histórias que ele mesmo constrói. O objetivo é, portanto, abandonar rótulos e reverter a invisibilidade da prática arqueológica na invenção do passado.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sonhos nos permitem repensar e refletir sobre como a realidade poderia ser diferente, “o que ocorreria se...”. De qualquer forma, em geral, por seu caráter etéreo e fugaz, muitas vezes, desaparecem antes que possamos nos aproximar mais dele. O passado também permite uma reflexão sobre o presente e a possibilidade de pensar em “outros presentes”. O passado é fonte de reprodução ou mudança do presente. Por que, em vez de perguntarmo-nos quanto de verdade têm os sonhos, não os aproveitamos para questionar a aparente “monolítica” realidade? Diversos passados, permitem pensar presentes diferentes.

Como arqueólogos, temos sim o poder de transformação do passado, a partir da sua construção por médio de discursos interpretativos. Não precisamos viajar ao passado, simplesmente criamos historias a partir de seus “vestígios”.

Considero que estas histórias que construímos sobre o passado a partir da cultura material, são importantes por seu impacto no presente. Limitar-se a descrever objetos é mostrar o medo que o arqueólogo tem do passado, de assumir sua impotência para construir “o que realmente aconteceu”, e de aceitar que, afinal, somos humanos e não uma ferramenta “científica” pra descobrir a verdade.

Voltando ao meu sonho (sobre a morte de meu pai) considero que situações imprevistas podem abrir possibilidade para pensar as coisas a partir de outras perspectivas, e, por sua vez, a forma de narrá-las é uma parte fundamental deste processo. Tradicionalmente a arqueologia tem um contraste forte entre a prática

de pesquisa do arqueólogo, que inclui um universo de trabalho de campo (com milhares de histórias e vivências as mais variadas), a parte de estudos, análises de laboratórios, discussões e interpretações e o produto final de todo o processo arqueológico, a publicação dos resultados. Apesar deste complexo processo, quase nunca aparece em nenhuma publicação algum tipo de referência ao lado humano e “mortal” do arqueólogo em sua contínua construção de conhecimento. Ao contrário, em geral este produto final costuma ser uma descrição e classificação de objetos e culturas em marcos espaço-temporais. Se, como afirma Flannery “Archaeology is the most fun you can have with your pants on...and that is the God’s truth” (1982:275), ao mesmo tempo podemos afirmar que, em geral, “a arqueologia é a mais chata de se ler dentro das ciências sociais e humanas”. De onde vem a capacidade do arqueólogo de transformar algo tão divertido e dinâmico (a prática arqueológica), em um texto técnico descritivo? Onde ficaram as histórias que esses vestígios dispararam na cabeça do arqueólogo e que são a verdadeira fonte de reflexão sobre o passado?. Não é por acaso que a arqueologia, como é entendida (ou imaginada) pelas pessoas, representada em livros e filmes “ficcionais”, seja fonte de interesse de pessoas e grupos heterogêneos. Pessoalmente, perdi a conta de quantas vezes me disseram, ao saber qual é minha profissão, “quando era jovem queria ser arqueólogo”!

**Figura 3** - Eu, sonhando na Antártica (Byers, 2011).



Chego ao final deste artigo e penso o que um arqueólogo ortodoxo provavelmente diria depois de ler o que escrevi: E o que isso tem a ver com

arqueologia? Com escavações, níveis estratigráficos e vestígios? Cadê a linearidade lógico-racional do texto?

Este manuscrito é feito a partir de efeito Antártica e do que “persiste na memória” (fazendo referência ao título do quadro de Dali), um espaço não domesticado, selvagem, próximos de um sonho, onde convivem diferentes tipos de lógicas e tempos. Um lugar que convida a se perder e ao mesmo tempo sair transformado.

#### AGRADECIMENTOS

Aos organizadores do VI TAAS (2012 em Goiânia), Jose Roberto Pellini e Julio Cezar Rubin de Rubin, pelo convite a formar parte da comissão científica. A Jimena Cruz pela ajuda com a formatação do artigo. A Jose Pellini pela leitura e sugestões. A UFMG.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASIMOV, I. 1955 (2004). *El fin de la Eternidad*. Buenos Aires, Debolsillo.
- BEAUDRY, M. C. 1998. Farm Journal: First Person, Four Voices. *Historical Archaeology* 32(1): 20–33.
- BINFORD, L. R. 1983. *In Pursuit of the Past: Decoding the Archaeological Record*. London, Thames and Hudson.
- BOND, G. C.. & GILLIAM, A. 1994. *Social Construction of the Past: Representation as Power (One World Archaeology)*. Londres, Routledge.
- FUNARI, P. P. HALL, M.; JONES, S.; 1999. *Historical Archaeology: Back from the Edge (One World Archaeology)*. Nova York, Routledge.
- FLANNERY, K., 1982. The Golden Marshalltown: a parable for the archaeology of the 1980's. *American Anthropologist*, new series. Vol. 84(2):265-278.
- FREUD, S. 1899 (2000). *La interpretación de los sueños*. Edición centenario [1900-2000]. Traducción Jose Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid, Biblioteca Nueva.
- GALATY, M. & WATKINSON, C. 2006. *Archaeology under Dictatorship*. Nova York, Springer.
- GASPAR E RIMBAU, E., 1887. *El Anacronópete*. Barcelona, D. Cortezo y C.a.
- HODDER, I., SHANKS, M.; ALEXANDRI, A.; BUCHLI, V.; CARMAN, J.; LAST, J.; & LUCAS, G.; 1995. *Interpreting Archaeology: Finding Meaning in the Past*. Londres, Routledge.
- HODDER, I., 2000. *Towards Reflexive Method in Archaeology: The Example at Çatalhöyük*. McDonald Institute for Archaeological Research and British Institute of Archaeology at Ankara, Cambridge.
- HODDER, I., 2003. Archaeological Reflexivity and the "Local" Voice. *Anthropological Quarterly* Vol. 76, No. 1, pp. 55-69.
- JOHNSON, M. 1996. *An Archaeology of Capitalism*. Oxford, Blakwell.
- JOYCE, R., 2002. *The Languages of Archaeology: Dialogue, Narrative, and Writing*. Londres, Blackwell.
- KRIEGER, A., 1944. The typological concept. *American Antiquity*. Vol 9(3):271-278.
- LEWIS SMITH, R. I. & SIMPSON, H. W., 1987. Early nineteenth century sealer's refuges on Livingston Island, South Shetland Islands. *British Antarctic Survey Bulletin*. 74:49-72.

- MITCHELL, E. P. 1881. *The clock that went backwards*. New York Sun.
- OLIVEIRA, J., 2006. *Fragmentos, Memórias, Incisões*. Lisboa, Colibri/IELT.
- ORSER, C., 1996. *A Historical Archaeology of the Modern World*. Nova York, Plenum Press.
- SARLO, B., 2005. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y grito subjetivo*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- SENATORE, M. X. & ZARANKIN, A., 1996. *Informe Campaña Arqueológica Antártica 1995-96*. Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur. Presentado al Instituto Antártico Argentino. MS.
- SENATORE, M. X. & ZARANKIN, A., 1997. Arqueología Histórica en Antártida. Avances en la Investigación. *Actas del II Congreso Argentino de Americanistas* Tomo II, pp. 585-603. Sociedad Argentina de Americanistas, Liga Naval, Buenos Aires.
- SENATORE, M. X. & ZARANKIN, A., 1999. Arqueología Histórica y Expansión Capitalista. Prácticas cotidianas y grupos operarios en Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur. In. ZARANKIN, A. & ACUTO, F. *Sed Non Satiata*. Buenos Aires, Ed. Tridente. pp. 171-188.
- SHANKS, M. & TILLEY, C., 1987. *Social theory and archaeology*. Albuquerque, University of New Mexico Press.
- SCHMITZ, P. I. ; BECKER, I.; JACOBUS, A.; NAUE, G., 1991. Pré-História do Rio Grande do Sul. São Leopoldo, Edunisinos.
- SCHOBINGER, J. 1973. Introducción a la Arqueología. *Anales de Arqueología y Etnología* 27-28:5-17.
- TWAIN, M. 1889 (2008). *Un yanqui en la corte del rey Arturo*. Barcelona, Anaya.
- WELLS, H. G. 1896. *The time machine*. Londres, Editorial Heinemann.
- YAMIN, R. 1998. Lurid Tales and Homely Stories of New York's Notorious Five Points. *Historical Archaeology*, 32 (1): 74-85.
- ZARANKIN, A. et al., 2012. *Historias Desaparecidas; Arqueología, memoria y violencia política*. Córdoba, Editorial Brujas.
- ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X., 1996. Ocupación Humana en Tierras Antárticas: una aproximación arqueológica. *Soplando el viento. Arqueología de la Patagonia*, pp. 629-644.
- ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X., 1997 Arqueología en Antártida. Primeras Estrategias Humanas de Ocupación y Explotación en Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur. *Actas de las Cuartas Jornadas de Investigaciones Antárticas*. Pp. 7-10, IAA, Buenos Aires.
- ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X., 1999. Arqueología en Antártida, Estrategias, Tácticas y los paisajes del capitalismo. Em Desde el país de los gigantes. *Perspectivas Arqueológicas en Patagonia*. Universidad Nacional de la Patagonia Austral, Río Gallegos, Río Gallegos.
- ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X., 2000 .Hasta el fin del Mundo. Arqueología en las Islas Shetland del Sur. El caso de Península Byers, Isla Livingston. *Praehistoria* 3: 219- 236.
- ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X., 2005 Archaeology in Antarctica, 19th century capitalism expansion strategies. *Internacional Journal of Historical Archaeology*, V.9 (1):43-56.
- ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X., 2007. *Historias de un pasado en Blanco. Arqueología Histórica Antártica*. Belo Horizonte, Argumentum,.
- ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X., 2012. Storytelling, Big Fish e Arqueologia; repensando o caso da Antártida. In MORALES, W. F. & MOI, F. P. *Tempos Ancestrais*. São Paulo: Annablume, NEPAB/UESC, 2012. Pp. 281-301.